

## Cem dias, sem fatos

Fernando Henrique Cardoso já ostenta o recorde de manifestações hostis de rua contra seu governo, instalado há cem dias, como registraram os jornais no fim de semana. Produzidas pela CUT, essas manifestações não podem servir de parâmetro para avaliar o governo, especialmente quando se sabe que mobilizam uma minoria entrincheirada na resistência armada (literalmente), contra o fim de privilégios. No entanto, a ausência de operação política consistente, pelo governo, e a conseqüente paralisia das reformas, torna a brincadeira da CUT perigosa e preocupante até mesmo para seus patrocinadores.

Há setores responsáveis do Congresso sinceramente preocupados com a simultaneidade das manifestações de rua e a apatia governamental, que caminham neste momento, lado a lado. Há um temor de que o governo já esteja a reboque dos acontecimentos, perdendo sua capacidade de iniciativa em relação às reformas, para administrar a repercussão negativa das mesmas.

Um desses parlamentares associava, ontem, o momento brasileiro a uma lição de Octávio Mangabeira, para quem os acontecimentos, na ausência de autoridade, ganham dinâmica própria, escapando ao controle até de quem os promove. E lembrava denúncia feita por dirigente da CUT, de infiltração de grupos radicais na manifestação do Recife, contra Fernando Henrique, no último dia 7. Não é difícil de imaginar, só a título de exemplo, grupos contrários à privatização aproveitando uma manifestação de velhinhos contra a reforma da Previdência Social.

O que continua espantoso é a insistência do governo no erro de não mudar o time e o jogo. Ninguém acredita que Fernando Henrique debite somente ao demitido Roberto Muylaert todos os males de sua decolagem errática. E que seu isolamento — que já o faz produzir frases parecidas com as de Fernando Collor —, seja fruto tão somente de deficiência da área de comunicação. Ou a assinar paródias colloridas como “eu não tenho medo de careta” (Collor dizia que tinha “aquilo roxo”). Se esse tipo de estratégia funcionasse, o

ex-ministro Ciro Gomes, sozinho, aprovava as reformas.

Não é fácil aprovar as reformas, mas é relativamente simples dar nitidez a equívocos que as tornam mais difíceis do que já são originalmente. Por exemplo, a insistência na fórmula que faz do deputado Luís Carlos Santos (PMDB-SP) líder do governo, quando nem líder de seu partido ele é. Não se trata de depreciar a figura de Santos, mas ele não exerce a liderança formal e nem a informal em seu partido. Um líder extraído da maioria governamental, ou seja, da bancada resultante da reunião dos partidos aliados do governo, seria o mais lógico.

O governo tucano transmite a impressão de governar do mesmo lugar de onde fazia oposição: de cima do muro. Não há lideranças que vistam a camisa, como ficou absolutamente comprovado na atuação do líder do PSDB, José Aníbal (SP) na votação da questão agrícola, em que ajudou a bancada ruralista a derrotar o governo. Fica difícil também entender um alegre jogo de futebol entre promotores e obstruidores das reformas, num momento dramático em que o presidente se vê sob pressão pela retirada da emenda da Previdência. Diz-se mesmo que Fernando Henrique não aceitou sugestão nesse sentido, feita pelo presidente do Congresso, senador Jo-



■ João Bosco Rabello dirige a sucursal de Brasília

**O governo tucano parece governar do mesmo lugar de onde fazia oposição: de cima do muro**

sé Sarney (PMDB-AP), para evitar uma crise maior, certo de que o gesto levaria à demissão do ministro Reinhold Stephanes.

A desarticulação do governo no Congresso já começa a produzir ironias e até episódios destinados ao febeapá político. Mais uma partida de futebol das que promoveu anteontem e o governo vai conseguir a proeza de transformar o empresário Wigberto Tartucci, deputado eleito por Brasília em campanha à base de duplas caipiras, num esquerdista radical. Dia desses, na ausência de quem mais o fizesse, ele se encarregou de proteger o ministro da Administração, Bresser Pereira, acudado numa comissão parlamentar pela fúria corporativista da deputada Maria Laura (PT-DF). “Companheira, por favor, modere-se”, disparou Tartucci, conseguindo conter a deputada pelo susto: conta-se que ela permanece em estado de choque.

11 ABR 1995

ESTADO DE SÃO PAULO